

TOXOPLASMOSE FELINA: ASPECTOS CLÍNICOS E A DESMISTIFICAÇÃO DO PAPEL EPIDEMIOLÓGICO DO GATO DOMÉSTICO

Fernando Pietrini SOUFEN¹; Leonardo Cesar Lopes SILVA²; Isabella Mateus Faustino SAPORITO³; Igor Benatti BERTONHA³; Isabela de Aro Jorge TAVARES⁴.

Palavras-chave: *Toxoplasma gondii*; Uveíte felina; Zoonose.

A toxoplasmose, infecção de caráter zoonótico causada pelo unicelular eucarionte *Toxoplasma gondii*, é uma das enfermidades parasitárias mais difundidas mundialmente. Na medicina veterinária e na saúde pública, os felídeos ocupam uma posição central no ciclo evolutivo do agente, uma vez que são os únicos hospedeiros definitivos, ou seja, os únicos animais capazes de excretar oocistos nas fezes após a reprodução sexuada do parasita no epitélio intestinal. Essa particularidade biológica gerou, ao longo das décadas, um estigma severo sobre os gatos, frequentemente resultando em abandono e eutanásia desnecessária, especialmente envolvendo o convívio com gestantes e indivíduos imunocomprometidos. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo revisar a literatura atual sobre a toxoplasmose em gatos, com enfoque nas manifestações clínicas da doença na espécie e, principalmente, na desmistificação do real papel epidemiológico do felino na transmissão para os seres humanos. Tratando-se de uma revisão bibliográfica, o levantamento de dados foi realizado mediante buscas em bases de dados científicas indexadas, selecionando publicações recentes que abordassem a patogenia, o diagnóstico e a saúde única associada à enfermidade. A análise da literatura consolida o entendimento de que, embora fundamentais para a manutenção ambiental do parasita, o contato direto com felinos não representa a principal via de infecção humana. A literatura elucida que os gatos adquirem o agente predominantemente pela predação de hospedeiros intermediários, como roedores e aves, contendo cistos teciduais. Após a infecção primária, a eliminação de oocistos não esporulados ocorre, na maioria dos casos, uma única vez na vida do animal, durante um curto período de uma a três semanas. Ademais, para se tornarem infectantes, os oocistos requerem condições ambientais favoráveis de umidade e temperatura para esporularem, um processo que leva de um a cinco dias, tornando improvável a infecção humana pela manipulação diária de fezes frescas em caixas de areia adequadamente higienizadas. Clinicamente, a maior parte dos felinos infectados permanece assintomática. A manifestação da toxoplasmose clínica ocorre, via de regra, em animais imunossuprimidos, seja por imaturidade do sistema imune ou por coinfeções, notadamente pelas viroses felinas da leucemia (FeLV) e da imunodeficiência (FIV). Nesses quadros clínicos severos, os sinais mais prevalentes descritos incluem febre, uveíte anterior, dispnéia por pneumonia intersticial e alterações neurológicas focais ou difusas. O consenso literário para o tratamento de eleição permanece sendo o uso prolongado de clindamicina, enquanto o diagnóstico baseia-se na associação entre sinais clínicos e exames complementares, especialmente sorologia para IgM e IgG, podendo ser complementado por métodos moleculares ou demonstração do parasito, conforme o caso clínico. Conclui-se que a prevenção efetiva da toxoplasmose humana deve focar prioritariamente em hábitos de higiene alimentar, como a cocção adequada de carnes e a lavagem vigorosa de vegetais, não havendo justificativa científica para a retirada de felinos do convívio familiar. Cabe ao médico veterinário atuar como promotor da saúde pública, instruindo a sociedade e promovendo a posse responsável *indoor* de felinos para a quebra definitiva do ciclo de transmissão urbano.

Referências bibliográficas:

ALEGRUCCI, B. S. et al. Toxoplasmose: papel real dos felinos. **Pubvet**, v. 15, n. 12, p. 1-6, 2021. DOI: 10.31533/pubvet.v15n12a989.1-6.

ANJOS, A. R. S. et al. A importância do médico veterinário na saúde pública. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, e18210817254, 2021.

ARAÚJO COSTA, J. V.; MENEZES SOUZA, T. R. Análise epidemiológica da toxoplasmose gestacional na Bahia entre 2020 e 2024. **Revista Científica Atenas – RESIC**, v. 4, n. 1, p. 45-55, 2025.

CARVALHO, L. S. S.; SILVA, A. N. Medicina veterinária preventiva de pequenos animais: contribuição para saúde pública. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 11, p. 573-575, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i11.17149.

CAVALCANTI, F. M.; SILVA, W. W. **Toxoplasmose felina (revisão de literatura)**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2017. p. 1-18.

CARVALHO ALVES, L. M. de et al. Toxoplasma gondii seroprevalence and risk factors in cats in Rio de Janeiro. **Veterinary Parasitology: Regional Studies and Reports**, v. 53, 101063, 2024. DOI: 10.1016/j.vprsr.2024.101063.

GALAL, L. et al. A unique Toxoplasma gondii haplotype accompanied the global expansion of cats. **Nature Communications**, v. 13, n. 1, 5778, 2022. DOI: 10.1038/s41467-022-33556-7.

TORIGOE, L. S. S. et al. **Toxoplasmose em felinos: aspectos epidemiológicos e medidas preventivas**. Campinas: PUC-Campinas, 2026. (Não publicado).

ZHAO, J. X. et al. Toxoplasma gondii alters gut microbiota and systemic metabolism in cats: a multi-omics approach. **The Veterinary Journal**, v. 314, 106455, 2025. DOI: 10.1016/j.tvjl.2025.106455.

¹Mestrando em Ciência Animal pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail para correspondência: fernando.pietrini@uel.br

²Pós graduando em Clínica Médica de Felinos pela Equalis

³Médico Veterinário

⁴Residente de Clínica de Pequenos Animais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, campus Botucatu